

APONTAMENTO 5519

Márcio Mendes Rocha

Doutor em Geografia Humana, Professor da Universidade Estadual de Maringá e
Coordenador do Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização – NEMO

mmrocha@uem.br

DAVID HARVEY - A produção capitalista do espaço

Cap. IV – O ajuste espacial

Marx desdenhou a obra de Von Thunen. Os dois respondem a um desafio lançado por Hegel: Marx sobre a colonização e Von Thunen sobre salário fronteiriço.

Uma questão de Hegel: “O papel da expansão geográfica e da dominação territorial do colonialismo e do imperialismo na estabilização do capitalismo.” Embora Hegel desenvolva seu trabalho sob a égide do idealismo filosófico, na obra “ a filosofia do direito”, Hegel também desenvolve uma importante crítica radical que reveste esta obra, segundo Harvey, de uma ambiguidade intrigante. Crítica de Hegel a A. Smith. Que diz: (“A mão invisível do mercado regula as ações econômicas”). Para Hegel, no processo econômico, existe a centralidade do trabalho, aonde este é a derradeira fonte da propriedade. Hegel percebe a polarização das classes sociais. O crescimento econômico no capitalismo leva à concentração de riqueza e um aumento da pauperização da massa trabalhadora. Diz ele que para se radicar a pobreza indica impostos aos ricos. Hegel defende o colonialismo como forma de resolver o problema da superacumulação de capital. Há que expandir o sistema. E esta expansão, segundo Hegel, abrirá espaço para os trabalhadores constituírem suas famílias, para sair do desemprego. Para Hegel os trabalhadores devem fundar colônias para buscarem condições dignas de vida. No que concerne às contradições inerente à “sociedade civil”, Hegel, segundo Harvey: “... se concentra na acumulação crescente da riqueza, por um lado, e na massa crescente de empobrecidos, por outro, enquanto fulcro da ruptura social. [...] A práxis não é simplesmente a unidade da teoria e da prática,” (HARVEY 2005, p. 99).

Hegel assume a existência de classes sociais e que ocorre, no desenvolvimento do modo de produção, a polarização de classes. Ou seja, concentração da riqueza em mãos de poucos, e pauperização da base da sociedade. “O imperialismo e o colonialismo são, por meio disso, interpretados como soluções necessárias para as contradições internas e acumuladas que assedia qualquer sociedade civil “madura.” (HARVEY, 2005, p. 101).

Existe, segundo Harvey, uma certa ambiguidade na posição pró colonialista/imperialista, como forma de resolver o problema do trabalhador. Esta posição eurocentrista, criticada por Harvey, aparece no capítulo posterior. Temos uma importante questão observada por Harvey quanto à análise de Hegel sobre o Estado. “... Hegel passa a fazer uma análise detalhada do Estado enquanto “realidade da ideia ética”. Isso parece sugerir que ele enxerga a transcendência da sociedade civil pelo Estado moderno – uma transformação interna – como única solução viável.” (HARVEY, 2005, p. 101).

Harvey ressalta uma questão que Hegel protagoniza quando traz a perspectiva de transformação *interna*, pelo Estado, e *externa* pelas colonialismo/imperialismo. Harvey nos traz a questão:

Será que a sociedade civil pode ser salva das suas contradições internas (e, no fim, da sua dissolução) por uma transformação *interna*: a realização do Estado moderno como “realidade da ideia ética? Ou será que a salvação está no “ajuste espacial”, isto é, a transformação externa por meio do imperialismo, do colonialismo e da expansão geográfica? Essas são as intrigantes questões que Hegel deixa em aberto.” (HARVEY 2005, p. 101).

VON THUNEN

Cria o conceito de Estado Isolado em 1826, conceito difundido na geografia e na economia, entre outras ciências. É considerada uma das primeiras sistematizações do processo regional na produção dos espaços. Ele combina um constructo ideal - o Estado isolado – com observações empíricas rigorosas, produzindo um relato fascinante sobre o ordenamento espacial da produção agrícola. (HARVEY (2005)P 102).

Para Harvey, VonThunen bebe do mesmo idealismo de Hegel, ele desenvolve estudos sobre as contradições internas da sociedade civil. Harvey escreve:

... mantem-se o constructo ideal sobre o estado , mas ele é usado , na segunda parte, como ferramenta para analisar de que maneira se mantém a estabilidade, a continuidade e a harmonia social numa sociedade civil cada vez mais ameaçada por desordens sociais, originária dos crescentes antagonismos de classe e da progressiva pobreza das massas (HARVEY 2005 p. 102).

Von Thunen se manifesta preocupado com o desenvolvimento do comunismo e das reivindicações dos trabalhadores organizados, dizia que por este caminho chegaremos à barbárie social.

Ele enxergava em tais concepções, os primeiros sinais de um “conflito incipiente, que poderia, no fim, “trazer a devastação e a barbárie para toda a Europa”. Os exageros dos comunistas, receava Von Thunen, influenciariam a turba, se popularizariam e se enraizariam na mente do povo, principalmente se estas concepções fossem propostas e expostas por autores hábeis, ainda que inescrupulosos (DEMPSEY, 1960, p. 219). Tudo isso foi escrito seis anos antes que o *Manifesto comunista* irrompesse a cena europeia.” (HARVEY, 2005, p. 103).¹

O capital para Von Thunen, é visto como “coisa”, ele não pressupõe nenhuma relação de classe entre o capital e o trabalho. Von Thunen naturaliza o processo de subordinação do trabalho ao capital. Harvey nos mostra claramente este aspecto: “O vínculo patriarcal, tão caro a Von Thunen, encontra sua justificativa. “O capital” declara ele alegremente, domina o homem, mas de modo maravilhoso.” (HARVEY, 2005, p. 108).

Von Thunen legitima e justifica a perpetuação das relações de classes e a preservação do vínculo patriarcal. No texto de Harvey fica clara as tendências das reflexões de Von Thunen como um protagonista do capital.

¹ DEMPSEY, B. (1960), *The frontiers*, Chicago.

KARL MARX

Marx vira de ponta cabeça a dialética de Hegel, partindo da materialidade histórica dos processos sociais. Marx:

Marx transforma as qualidades ocultas e misteriosas do “espírito universal” de Hegel nas materialidades mundanas do mercado mundial. As questões sociais são, assim, transplantadas do reino da contemplação filosófica para o reino da prática da economia política (HARVEY, 2005, p. 110).

Marx faz a crítica ao colonialismo, mostrando que esta força de trabalho que se desloca para as colônias poderão criar o processo de industrialização, mas o farão sob a lógica do sistema produtivo capitalista. “Os novos mercados e os novos campos para o setor industrial, que Hegel considerou essenciais, poderiam apenas ser alcançados por meio da recriação das relações capitalistas da propriedade privada, assim como do poder de se apropriar do trabalho dos outros.” (HARVEY, 2005, p. 113).

Os mercados externos e o subconsumo denota a crise do capitalismo por conta da falta de demanda efetiva, nesta perspectiva subconsumista o capitalismo encara a dominação colonial como um meio de solapar as economias coloniais autossuficientes, reprodução do modo de produção era obstruída por uma sequente carência de demanda efetiva.² O que ocorre é que os efeitos da superacumulação se espalham pelo espaço geográfico em busca de novos mercados para a reprodução do circuito produtivo. O colapso ocorre por conta das diferenças existentes entre: a) o desequilíbrio do comércio exterior e b) o balanço de pagamento entre as regiões, portanto, não há possibilidade de um ajuste espacial, considerando as contradições do capitalismo.

O desenvolvimento impedido do capitalismo em novas regiões é uma necessidade absoluta para a sobrevivência do capitalismo. Essas novas regiões são os lugares onde o excesso de capitais superacumulados podem mais facilmente ser absorvidos, criando novos mercados e novas oportunidades para investimentos rentáveis. Contudo, deparamo-nos com um tipo de

² Demanda efetiva é a agregação das antecipações sobre as vendas futuras, que determina o nível de produção real. Se constitui por 3 componentes: I – o consumo final das famílias e das administrações públicas; II – os investimentos; III – as exportações. Quando se tem uma demanda efetiva baixa teremos consequências sobre a oferta real de bens e de emprego, o que acarreta o desemprego.

dificuldade. Nas novas regiões, as novas forças produtivas criam uma ameaça competitiva para o país iniciante” (HARVEY, 2005, p. 118).

A busca de novas regiões é uma necessidade para o capitalismo, desde sua primeira fase, o “capitalismo comercial”, onde se constrói o projeto colônia, tudo se inicia com as “grandes navegações”. Já começa a ocorrer, a partir deste período, um problema de absorção dos capitais no mercado e buscam uma resposta a partir do projeto colonial. A reprodução ampliada do capital apresenta uma espaço/temporalidade, geograficamente expansiva. Cria-se neste processo uma contradição intracapitalista, quando as colônias se tornam competitivas, ameaçando os mercados europeus. Para Harvey, neste processo de descentralização do capitalismo, aonde a superacumulação de capitais tem por onde escoar e se reproduzir, remete a um *ajuste espacial*.

O desenvolvimento desimpedido do capitalismo em novas regiões é uma necessidade absoluta para a sobrevivência do capitalismo. Essas novas regiões são os lugares onde o excesso de capitais superacumulados pode mais facilmente ser absorvidos, criando novos mercados e novas oportunidades para investimentos rentáveis.” (HARVEY, 2005, p. 118).

Marx analisa o fenômeno colonial, mas sua análise não valoriza a produção dos espaços, a territorialidade do capital, mas nos orienta para o entendimento do processo de expansão do capitalismo. Ele trabalha com a ideia de “limites do crescimento natural da população”. Neste universo formado por uma imensa massa de trabalhadores assalariados há que se ter uma *população flutuante* (inclusive desempregados) para alimentar o exército industrial de reserva, mecanismo de controle dos salários. Essa massa flutuante torna-se imigrante pelo mundo.

Então, progressivamente, devem se levar em conta as populações flutuantes como fonte de um exército de reserva industrial. A sociedade se livra do transtorno e alvoroço da acumulação primitiva e da destruição das relações familiares pré-capitalista, passando a sofrer o trauma do desemprego tecnologicamente controlado.” (HARVEY, 2005, p. 119).

Nas novas condições, o sistema produtivo oferece este trabalhador “livre”, um assalariado que dinamiza os fluxos populacionais entre colônias e metrópoles, constituindo o que Harvey denomina de “livre mobilidade geográfica dos trabalhadores”. A busca do ajuste espacial carrega em si a conflitualidade dialética do sistema, gerando novas formas de luta de classes, que é o resultado das particularidades e especificidades culturais de cada comunidade colonizada.

Este aspecto foi desvalorizado nas análises de Marx.

A busca do ajuste espacial gera novas formas de luta, epitomada pelos diversos movimentos populistas e radicais surgidos entre os colonizadores das regiões de fronteira.” (HARVEY, 2005, p. 121).

Para Harvey, mesmo havendo o ajuste espacial, por conta da expansão acelerada da força de trabalho, estas estratégias se mostraram apenas como um paliativo, jogando a crise para frente. O capitalismo continua a reproduzir a polarização das classes sociais à luz de uma complexidade nova na contemporaneidade, onde a visibilidade das classes se torna difusas desde a avalanche neoliberal. Harvey em suas “reflexões e alertas”, ao final do capítulo, busca refletir as ideias econômicas e políticas de Hegel, Von Thunen e Marx. Tanto Hegel como Von Thunen buscaram nas transformações internas as respostas ao conflito de classes e a polarização das classes sociais. De certa forma ocorre a supressão do ajuste espacial nas análises econômicas posteriores, regidas principalmente pelos neoliberais.

No entanto, a supressão da análise do ajuste espacial também foi crucial para dismantelar a economia política tradicional. As relações espaciais se tornaram reservas exclusivas da teoria política, cortando toda a conexão direta com a realidade cotidiana da circulação do capital e das suas contradições, e substituiu uma teoria organicista do Estado (enredada na luta pela sobrevivência, no *lebensraum* [espaço vital] necessário etc.), associando doutrinas de destino manifesto, responsabilidade do homem branco, superioridade racista etc.” (HARVEY, 2005, p. 122).

Ficou a cargo dos pós marxistas resgatarem a unidade da economia política como ferramenta para a interpretação de uma história agitada do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo. Nas análises de Marx fica excluída uma reflexão mais detalhada do ajuste espacial. As contradições inter imperialistas e uma tendência à guerra mundial, bem como com a ascensão das organizações dos trabalhadores na Europa, levaram pós marxistas como Lenin, Bukharin, e Rosa Luxemburgo, entre outros, a tratarem da relação dinâmica entre as transformações internas e externas do capitalismo, passando a uma análise mais explícita do imperialismo nascente. Este capítulo trás à tona a base sobre a qual podemos os processos de desenvolvimento do capitalismo, em sua dinâmica interna, foco das análises de Marx, e sua dinâmica externa, já no final do séc. XIX e início do séc. XX, a partir da análise sobre o imperialismo tratada por Lenin, Rosa Luxemburgo e Trotski, entre outros. As novas formas

capitalistas que se reproduzem na contemporaneidade são o resultado do ajuste espacial, aonde os fluxos de capital, trabalho (migrações) e mercadorias se intensificaram.

Enviado 22/02/2019
Aceito 15/04/2019